

## **Jovens escolares negros e perspectiva de acesso ao Ensino Superior na UFJF: As cotas raciais como instrumento de ingresso**

**Young black students and the perspective of access to Higher Education at UFJF: Racial quotas as an entry tool**

**Jóvenes estudiantes negros y la perspectiva de acceso a la Educación Superior en la UFJF: Las cuotas raciales como herramienta de ingreso**

Marcelo Henrique de Sá<sup>1</sup>

### **Resumo**

O referido artigo pretende analisar as perspectivas de jovens escolares negros ao acesso ao Ensino Superior na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pela política de ações afirmativas, via cotas raciais, buscando entender se o acesso ao Campus da instituição influencia nessa perspectiva. A metodologia utilizada baseia-se na pesquisa qualitativa, utilizando de entrevista e narrativa oral no diálogo com os sujeitos. Neste sentido, a pesquisa demonstrou que os jovens escolares negros sujeitos centrais desse trabalho tendem em maioria possuir perspectiva de cursar o Ensino Superior na UFJF, porém fica nítido um certo receio e insegurança desses jovens em relação a esse acesso, que pode ser explicada pela falta de conhecimento das políticas de cotas raciais, racismo e o não sentimento de pertencimento ao espaço físico da instituição, vista que os jovens que não frequentam a instituição são os que não possuem perspectivas de acesso ao Ensino Superior na instituição.

**Palavras-chave: Jovens negros; Acesso ao Ensino Superior; Racismo, Cotas Raciais; UFJF.**

### **Abstract**

This article aims to analyze the perspectives of young black students in accessing Higher Education at the Federal University of Juiz de Fora (UFJF), through the affirmative action policy, via racial quotas, seeking to understand whether access to the institution's Campus influences this perspective. The methodology used is based on qualitative research, using an interview and oral narrative in the dialogue with the subjects. In this sense, the research showed that young black students who are central subjects of this work tend to have the prospect of attending Higher Education at UFJF, but a certain fear and insecurity of these young people in relation to this access is clear, which can be explained by the lack of knowledge of racial quota policies, racism and the lack of a sense of belonging to the institution's physical space, given that young people who do not attend the institution are those who have no prospect of accessing higher education at the institution.

**Keywords: Black youth; Access to Higher Education; Racism, Racial Quotas; UFJF.**

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, MG, Brasil.

E-mail: [marcelohsa81@gmail.com](mailto:marcelohsa81@gmail.com) - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8394-1364>

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar las perspectivas de los jóvenes estudiantes negros en el acceso a la Educación Superior en la Universidad Federal de Juiz de Fora (UFJF), a través de la política de acción afirmativa, a través de cuotas raciales, buscando comprender si el acceso al Campus de la institución influye en esa perspectiva. La metodología utilizada se basa en la investigación cualitativa, utilizando la entrevista y la narrativa oral en el diálogo con los sujetos. En este sentido, la investigación mostró que los jóvenes estudiantes negros que son sujetos centrales de este trabajo tienden a tener perspectivas de asistir a la Educación Superior en la UFJF, pero es claro cierto miedo e inseguridad de estos jóvenes en relación a ese acceso, que puede explicarse por el desconocimiento de las políticas de cuotas raciales, el racismo y la falta de sentido de pertenencia al espacio físico de la institución, dado que los jóvenes que no asisten a la institución son aquellos que no tienen perspectivas de acceder a la educación superior en la institución .

**Palabras clave:** Jóvenes negros; Acceso a la Educación Superior; Racismo, Cuotas Raciales; UFJF.

## Introdução

Pretende-se abordar neste artigo, as perspectivas de jovens escolares negros ao acesso ao Ensino Superior na UFJF, pela política de ações afirmativas, via cotas raciais, buscando entender se o acesso ao Campus da instituição influencia nessa perspectiva. Para isso, a metodologia desenvolvida se dá com base na pesquisa qualitativa, utilizando entrevista e narrativa oral no diálogo com os sujeitos.

O Brasil é um país extremamente desigual, sendo notáveis as desigualdades, dentre as quais a racial. A população negra vivência no dia a dia marcas da desigualdade que possui suas raízes, principalmente no período de escravização que passou o país.

A despeito de mais de 130 anos da abolição, a raça segue sendo um importante critério na distribuição das oportunidades e na definição do lugar das pessoas na hierarquia social. Neste sentido, a raça se relaciona fundamentalmente com um dos aspectos da reprodução das classes sociais, ou seja, a distribuição dos indivíduos nas posições da estrutura de classes e dimensões distributivas da estratificação social (GONZALES; HASENBALG, 1982).

O racismo está impregnado nas relações sociais no Brasil, fato que também aflige os jovens negros em várias esferas. Sobre a escolarização dos jovens negros, a realidade não é diferente. Passos (2012) aponta que a desigualdade na educação entre jovens negros e brancos se dá tanto no acesso, como na permanência ou no sucesso, configurando menores

oportunidades sociais para a juventude negra. Segundo dados do IBGE, em 2019, os discentes negros possuíam uma taxa de escolarização menor que os jovens brancos.

Passos (2012), afirma que os jovens negros enfrentam muitos desafios em suas trajetórias escolares, o trabalho é certamente um elemento presente e muitas vezes determinante para seu sucesso ou fracasso. A realidade socioeconômica desigual que afeta a população negra no Brasil torna o trabalho uma necessidade precoce para muitos jovens, que muitas vezes precisam contribuir para a renda familiar desde cedo. Na escola, essa realidade se reflete em diversas formas. Muitos jovens negros precisam trabalhar para ajudar em casa, seja fazendo pequenos trabalhos ou mesmo assumindo empregos formais em meio período. Isso pode comprometer seu desempenho escolar, já que precisam conciliar horários e prioridades, além de lidar com o cansaço e o estresse.

Segundo Senkevics e Carvalho (2020), o maior desafio em relação à escolarização dos jovens negros é a conclusão da educação básica. Dentro do ciclo de formação da educação básica, a maior desigualdade está presente no Ensino Médio, possuindo um alto patamar de evasão escolar, fato que pode ser explicado por alto índice de reprovação, gravidez e busca por trabalho para complementar a renda familiar. Além destes, também destaca-se o desconhecimento das cotas raciais por muitos dos jovens, fato que também influencia nesta perspectiva.

Neste sentido, em muitos casos os jovens negros não conseguem concluir o Ensino Médio, e conseqüentemente não acessam o Ensino Superior. Principalmente após a implementação das cotas raciais, nota-se uma crescente da população negra nas Universidades em todo país. Porém, segundo Senkevics (2021), ainda existe um perfil definido dos que acessam à universidade, não sendo todos os jovens negros que tendem a ingressar nas universidades, ou seja, ainda hoje o acesso ao Ensino Superior não é perspectiva de futuro para uma parcela considerável de jovens negros.

Portanto, buscaremos abordar a perspectiva de acesso ao Ensino Superior dos jovens sujeitos dessa pesquisa, indo desde a perspectiva de acesso à UFJF, em um curso de graduação, via principalmente as cotas raciais, até o acesso ao espaço físico da UFJF nas suas trajetórias socioespaciais. Seguindo o que é ensinado por Santos e Ratts (2015), as trajetórias socioespaciais podem produzir mudanças sociais dos sujeitos. Deste modo, através de sua locomoção na cidade, esses jovens constroem subjetividades e perspectivas de futuro, como o acesso ao Ensino Superior.

## **Encaminhamentos metodológicos**

Em relação às entrevistas, foi primeiramente realizado um contato com a escola, pretendendo, a partir dela, acessar possíveis jovens que atendessem o critério desenhado para recortar nossa juventude na pesquisa, sendo discentes do terceiro ano do Ensino Médio e se autodeclarasse negro ou negra.

Essa pesquisa tem como sujeitos, jovens escolares negros cursando o terceiro ano do Ensino Médio, que frequentam uma escola da rede pública estadual, localizada na região urbana de São Pedro na cidade de Juiz de Fora.

A entrada na escola possibilitou um contato mais próximo com os jovens e construir uma interação que, em um primeiro momento, se deu pela curiosidade gerada pela minha presença. Essa curiosidade inicial possibilitou a criação de uma rede, no qual um jovem foi falando para o outro, chegando a momentos que jovens me abordavam querendo participar da pesquisa, tanto jovens negros como brancos. O que em si demonstra o quanto a curiosidade foi se transformando em interesse por parte deles. Cabe ressaltar que todos os jovens estavam cientes da realização da pesquisa, sendo acordado com a escola um pedido de autorização dos pais dos jovens menores de 18 anos.

Os participantes foram esclarecidos sobre os objetivos e métodos do estudo, reservando, assim, os seus direitos de escolha de participação. Após aceitarem participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Neste sentido, as entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado, buscando dialogar com as problemáticas dessa pesquisa, utilizando para análise a narrativa oral. Segundo Rocha-Coutinho, (2006) essa metodologia é uma das melhores formas de se fazer com que as pessoas falem sobre suas vidas, pois, segundo a autora, permite ao pesquisador explorar não apenas fatos e atividades como também sentimentos, ou seja, as experiências emocionais de seus informantes. Neste movimento de fala, as pessoas constroem identidades, articulam suas experiências e refletem sobre o significado de suas experiências para si. Rocha-Coutinho, (2006, pg. 67) complementa que “através de suas narrativas podemos obter um quadro mais amplo de como os entrevistados se percebem no mundo, de como lhes atribuem valor, e do significado particular atribuído a suas ações e a seu lugar no mundo”.

No contexto dessa investigação, a metodologia proposta busca em sua abordagem proporcionar dialogar com o fenômeno em sua complexidade, deixando perceber as diversas interações presentes nos contextos sociais, constituídos e constituintes dos sujeitos (RODRIGUES; MENEZES-SANTOS, 2014).

A pesquisa qualitativa fornece as possibilidades de abordagem dos nossos objetivos, possuindo um leque de possibilidades na investigação dos sujeitos da pesquisa. Por meio da metodologia proposta, será possível problematizar a perspectiva dos jovens ao acesso à UFJF, utilizando-se das cotas raciais e a influência de suas trajetórias socioespaciais para tal.

A pesquisa, com a finalidade do anonimato dos jovens, buscou criar pseudônimo para identificar os jovens no decorrer desse trabalho, como podemos notar no quadro 1:

**Quadro 1: Apresentação dos jovens**

<b>Jovens</b>	<b>Idade</b>	<b>Série e Turno.</b>	<b>Trabalho</b>
Luedji	17 anos	Terceiro ano regular no turno da tarde	Trabalha em casa
Marechal	17 anos	Terceiro ano regular no turno da tarde	Servente de pedreiro
Rincon	22 anos	EJA de terceiro ano no noturno	Instalação e produção de tubulação metálica
Juçara	18 anos	Terceiro ano regular no turno da tarde	trabalha em casa
Leandro	17 anos	Terceiro ano regular do turno da tarde	Não trabalha
Milton	17 anos	Terceiro ano regular no turno da tarde	Não trabalha
Elza	18 anos	Terceiro ano regular no turno matutino	Não trabalha
Tássia	18 anos	Terceiro ano regular no turno matutino	Não trabalha
Rashid	17 anos	Terceiro ano regular no turno matutino	Não trabalha

Fonte: Dados do autor, 2022.

Em relação ao mapa que demonstra o local de moradia dos jovens, seguindo na perspectiva do anonimato, não utilizou do local exato de moradia desses jovens, utilizando de pontos de referências apontados pelos jovens.

### **Os jovens negros no contexto social: de quem estamos falando?**

Ressalta-se que abordamos a juventude como plural, pois, como bem destaca Groppo (2017), a partir dessa concepção é possível analisá-la em suas várias possibilidades de viver, suas limitações, dadas as demais estruturas e condições sociais. Sendo assim, a experiência juvenil também é marcada pela pluralidade, podendo variar conforme a questão de gênero,

sexualidade, classe, contexto histórico, localidade e a questão racial, que atravessa a vivência dos jovens sujeitos dessa pesquisa.

Sendo assim, Passos (2010), aponta que os jovens negros são entendidos como categoria social, possuindo elementos próprios de determinado grupo. Portanto, a autora vai dizer que esses jovens são constituídos de identidade racial, a partir dela possuindo suas variações e diversidade social, de gênero, de localização geográfica, de classe, entre outros. Sendo assim, para a autora o meio social influencia concretamente como esses jovens se desenvolvem, marcada principalmente pela qualidade das trocas que esse meio proporciona. Segundo a autora, “(...)a homogeneidade ou a heterogeneidade dos sujeitos jovens negros é formada através do resultado das suas trajetórias biográficas e de suas experiências socializadora” (PASSOS, 2010, p.142).

Como apontado por Oliveira et al. (2021), as pesquisas sobre jovens negros no Brasil estão focadas em três eixos principais: educação, violência e mercado de trabalho. Entre elas, observa-se o pequeno número de trabalhos acadêmicos que tragam a realidade vivida pelos jovens negros no Brasil, destacando, contudo, um aumento crescente nos últimos 10 anos.

Em contrapartida, a realidade desses jovens vem sendo abordadas em letras de funk e rap há mais de três décadas, tendo como principal expoente o grupo de rap Racionais Mc's, que influenciaram e influenciam diversos outros artistas que trazem essa realidade em suas letras, podendo citar: Emicida, Borges, Zudzilla, Febem, Mc Sofia, Mc Hariel, Tasha e Tracie, Facção Central, Djonga, BK entre outros. As letras de rap e funk têm papel importante na vida dos jovens negros, trazendo sua realidade e vivência. O jovem Rincon traz que as letras dos rap que ele ouve, como Racionais e Mv Bill o ajudou a moldar sua percepção racial, pois, nas palavras dele “através do rap clássico brasileiro eu tive essa percepção que o homem negro tinha que tomar cuidado e que a mulher negra vai ser usada como objeto”.

Portanto, é importante trazer a realidade dos jovens negros para as discussões e debates sobre juventude, tanto nas letras de músicas, como em pesquisas acadêmicas, pois segundo Gonzales (1979), no Brasil existe um privilégio racial em que o grupo de pessoas brancas é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. Fato que afeta diretamente os jovens negros, caracterizando através do racismo toda uma dinâmica de desigualdades. Assim sendo, os jovens negros quando experimentam sua condição juvenil fazem de forma diferente e desigual em relação aos jovens brancos, sendo expostas a maior precariedade de acesso e oportunidades.

A situação dos jovens negros influencia diretamente como interagem e vivenciam o meio social e a construção de suas subjetividades. Essa situação tem reflexo no cotidiano desses jovens, sendo notada na precariedade de oportunidades, dificuldade de inserção no mercado de trabalho, crescente número de homicídios e suicídios, aumento na população carcerária e o alto índice de evasão escolar.

O racismo está impregnado nas relações sociais no Brasil, fato que também aflige os jovens negros em várias esferas. Segundo Cerqueira e Coelho (2017), os jovens negros lideram as estatísticas de pertencimento as famílias mais pobres, acarretando várias situações, como abandono escolar, entrada no tráfico, gravidez, acesso a subempregos entre outros.

A experiência do racismo, portanto, atravessa a vida destes jovens nas suas múltiplas dimensões, afetando seu psicológico e ganhando papel fundamental em sua subjetivação. De acordo com Fanon (2008), as violências causadas pelo racismo podem gerar psicopatologias, que modificam as relações individuais e coletivas dos sujeitos negros, afetando suas relações afetivas, linguagem e autoestima, tanto estética como intelectual.

### **Acesso ao Campus da UFJF**

O campus da UFJF está localizado na região urbana de São Pedro, em específico no bairro Martelos, e fica bem próximo na região central da cidade de Juiz de Fora. O campus é conhecido por ser arborizado, possui vias largas, sendo percebido uma diversidade de prédios em vários locais do campus. O campus possui papel importante na oferta de lazer e cultura na cidade, fazendo com que a UFJF, através de seu espaço físico, tenha não só influência na difusão do conhecimento científico, mas também uma interpenetração crucial na vida cotidiana da cidade.

Portanto, o campus é um elemento de composição da paisagem da cidade, sendo utilizado pela população da cidade de várias formas como em caminhadas e corridas, atividades na academia ao ar livre, visitas ao Centro de Ciências, realização de piqueniques, práticas de yoga, uso da pista de skate e do parquinho infantil. Destaque-se também o uso do campus por pessoas de outras cidades, como ponto turístico e para consultas e atendimentos médicos no Hospital Universitário.

O que se percebe é o uso variado do campus da UFJF. Ao longo da semana há o predomínio do uso ligado a vida universitária, no entanto, aos finais de semana ele é ocupado



intensamente por famílias e pessoas que o utilizam como equipamento de lazer. Em relação aos nossos sujeitos de pesquisa, percebe-se que apesar da proximidade com o campus, eles poucos utilizam dessa área. A tabela 1 demonstra como atualmente seu uso é limitando, tendo sido mais frequente no passado.

**Tabela 1: Relação dos jovens sobre o uso do campus da UFJF.**

<b>Jovens</b>	<b>Frequenta o Campus</b>	<b>Frequentou em algum momento o Campus</b>
Luedji	Não	Não soube responder
Marechal	Não	Não
Rincon	sim	Sim
Juçara	sim	Sim
Elza	Não	Sim
Tássia	Não	Não
Rashid	sim	Não
Milton	Não	Sim
Leandro	Não	Sim

Fonte: Dados do autor, 2022.

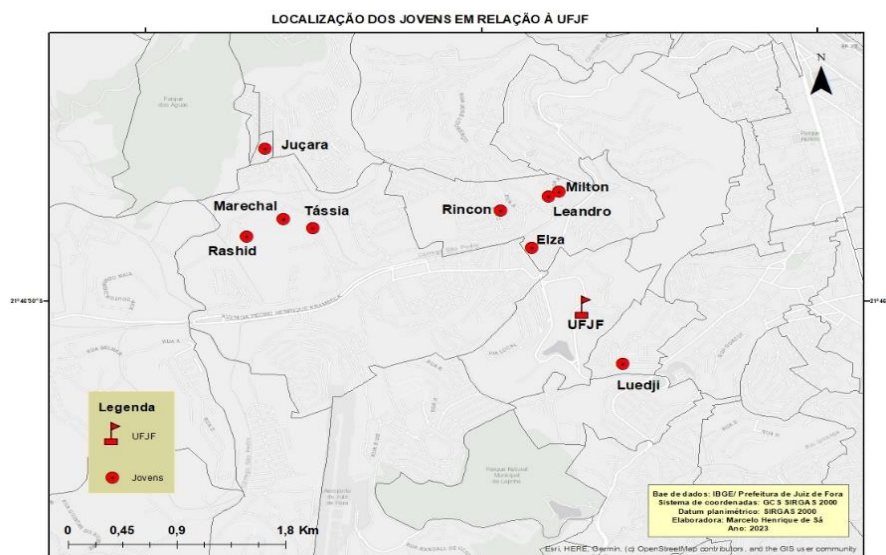
O principal uso destacado pelos jovens foi o lazer. Juçara fala sobre o uso que fazia do espaço “Eu já frequentei muito, ia com minha família andar de bicicleta, tipo lazer mesmo. Eu ia muito, mas agora não vou mais, desanimei”. Os jovens Rincon, Milton e Leandro, também falam que usavam mais o espaço anteriormente. Hábito que acabou se perdendo com a pandemia da Covid-19 para alguns deles.

A baixa utilização do espaço não pode ser explicada apenas pela sua distância em relação à residência. A figura 1 indica que alguns deles moram bem próximos ao espaço, como os jovens Elza, Milton, Rincon, Luedji e Leandro. Destes, apenas Rincon possui o hábito de frequentar a UFJF. Em contrapartida, os jovens Marechal e Juçara são os que moram mais afastados e apenas Juçara tem o hábito de frequentar.

Para o jovem Marechal, todavia, a distância é um dos motivos principais para não frequentar o campus. Segundo ele, seria preciso caminhar até o campus, o que demoraria entorno de 30 a 40 minutos, muito inviável para o jovem.



**Figura 1: LOCALIZAÇÃO DOS JOVENS EM RELAÇÃO Á UFJF.**



Fonte: Prefeitura de Juiz de Fora/ IBGE e dados do autor, 2022.

O uso do campus realizado por aqueles que afirmaram frequentá-lo é feito de formas distintas. O jovem Rashid frequenta o campus duas vezes por semana, para participar de programa da instituição em que os jovens da cidade praticam basquete. O jovem sublinha que através do projeto, conseguiu conhecer mais amplamente o campus, principalmente pelo fato que essas atividades são efetuadas na Faculdade de Educação Física e no caminho até lá, ele consegue ter contato com outros prédios dentro da UFJF.

O Jovem Rincon, por participar do mesmo projeto, também fala que já conhecia alguns pontos do campus e atualmente utiliza principalmente para fazer atividades físicas.

Frequento, hoje não muito mais, principalmente desde a pandemia, mas eu era do basquete da UFJF, então eu ia lá todos os dias praticamente e tem a praça cívica que é um lugar que gosto de fazer meus exercícios físicos (Dados do autor, 2022).

Por último, temos a jovem Juçara, que diz ir ao campus da UFJF com frequência. Segundo ela, sua ida é sempre acompanhada por amigos, no intuito de “matar aula”. Diz a jovem: “Para matar aula, fico lá deitada, chamo vários amigos para lá”. Cabe ressaltar que a jovem Juçara, pelas obrigações relacionadas ao trabalho doméstico, sempre chega atrasada na escola, o que, segundo a jovem, justifica porque acaba matando aula no campus.

O que percebemos é que os jovens da pesquisa, embora morem relativamente próximos ao campus, não têm muito o hábito de se apropriarem dele para construir com ele vínculos de identidade e pertencimento, dando-lhe sentido pelo uso. Assim, a proximidade não é suficiente para que o campus se constitua num território usado, que seja, de acordo com Santos (2003):

[...] uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influí. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que está falando em território usado, utilizado por uma população. (SANTOS, 2003, p.46).

Nesta perspectiva, esses jovens em grande maioria por não frequentarem o espaço físico da UFJF, não criam identidade e não utilizam desse espaço. Portanto, é possível questionar quem é essa população que frequenta e utiliza deste espaço.

O que se vê na UFJF principalmente nos dias de semana, é a forte presença dos estudantes, como é previsto, visto que umas das funções da universidade é a criação de conhecimento. Em contrapartida, nos finais de semana existe uma grande presença de famílias no campus, principalmente aos domingos. A observação de seu uso nos finais de semana possibilita identificar que grande parcela da população que ocupa o campus aos domingos vem de áreas mais afastadas, pois existe uma forte presença de carros nos estacionamentos perto das vias do campus. Outro aspecto é a presença maior de população branca.

A presença em grande maioria da população branca no campus, incomoda o jovem Milton. Segundo ele um dos principais motivos para não frequentar o espaço se refere a esse sentimento de estranhamento causado pela quase ausência de pessoas negras no espaço. Sobre isso, o jovem vai dizer: “Ah, eu fui lá e falei esse não é o lugar que eu vou ir, porque, tipo assim geralmente no campus você não fica muito à vontade porque tem muitas pessoas brancas e poucas escuras”. A maior presença da população pode ser relacionada à forma distinta de tratamento que esses dois grupos sofrem no campus, existindo relatos de abordagens truculentas dos seguranças da instituição em jovens negros e também de casos de racismo explícitos dos seguranças contra estudantes negros e até seus familiares<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Um exemplo é a situação narrada na reportagem disponível no portal <https://www.geledes.org.br/pai-de-aluna-acusado-de-roubar-o-proprio-carro-na-ufjf/>.

A abordagem dos seguranças é também relatada pelo jovem Rincon. Segundo o jovem a abordagem dos seguranças com ele é diferente em relação aos seus amigos brancos. Sobre os seguranças o jovem vai dizer:

Os seguranças veem que você tá parado com um grupo de amigos, aí você vê um passando de moto, te encarando, ou para e fica parado ali te olhando, porque realmente acontece muito incidentes ali, como assalto, principalmente na subida dos bombeiros, próximo ao Dom Bosco. (Dados do autor, 2022).

O que a pesquisa demonstra é que para parte dos jovens entrevistados o campus da UFJF não é um local frequente em suas trajetórias socioespaciais sendo uma das causas disso o fato de ser ainda um local que reflete uma grande desigualdade racial e de classe para as pessoas que ali visitam, principalmente para o lazer. Para os jovens que frequentam o campus da instituição o racismo os incomoda, sendo um limitante para o acesso pleno no campus. Nos interessa saber se é de que modo esse sentido de não pertencimento aquele espaço condiciona a construção do acesso ao ensino superior como projeto possível.

### **A perspectiva de ingresso na UFJF**

Abordaremos o acesso à educação superior como um problema geográfico, na medida que se considera a relação entre território e educação (Santos, 1977 apud Buffa et al, 2016). O acesso à educação superior é uma variável espacial, participando da divisão territorial do trabalho e exercendo influência nas mudanças sucessivas em sua configuração territorial ou espacial (Santos 2014 Buffa et al, 2016).

Deste modo, segundo dados da tabela 2, é possível notar que mais da metade dos nossos jovens entrevistados possuem perspectivas de acesso ao Ensino Superior na UFJF. Dentre eles Rincon e Rashid possuem a UFJF em suas trajetórias socioespaciais, frequentando o espaço físico da instituição. Já Juçara foi a única a possuir a UFJF em sua trajetória socioespacial e que disse não pretender ingressar em um curso superior na instituição. O principal motivo alegado pela jovem é que a UFJF não oferta os cursos que ela pretende fazer.

Os jovens Luedji e Leandro não pensam em cursar uma graduação na UFJF, indicando outras possibilidades para o pós-Ensino Médio. Ambos os jovens têm como perspectiva buscar o ensino técnico. De acordo com eles, essa área daria mais oportunidades de trabalho.

Leandro não se vê cursando o Ensino Superior na UFJF. Diz-se animado com a possibilidade de começar uma carreira militar. Questionado sobre fazer um curso superior na UFJF, o jovem fala: “No momento, não, mas eu prefiro quando sair da escola, pretendo ir para o exército ou então fazer algum curso profissionalizante.

**Tabela 2: Perspectivas de ingresso à UFJF**

Jovens	UFJF	Curso
Luedji	Não	Não soube responder
Marechal	Sim	Direito
Rincon	sim	Educação Física ou Direito
Juçara	Não	Gastronomia ou Estética
Elza	Sim	Educação Física
Tássia	Sim	Medicina Veterinária
Rashid	sim	Não soube responder
Milton	Não	Não pretende cursar
Leandro	Não	Exército ou Curso Técnico

Fonte: dados do autor, 2022.

A tabela 2 evidencia a busca por três principais cursos: Direito, Educação Física e Medicina Veterinária. Alguns dos entrevistados, contudo, ainda manifestam algumas dúvidas sobre qual curso desejam, fato nada incomum nesse momento da vida. Sobre isso, Rincon vai dizer:

tenho muita vontade de fazer faculdade, ainda estou indeciso entre direito e educação física, tenho o porte, mas tenho uma paixão pelo direito, ainda estou meio perdido. Mas tenho consciência que tenho que me esforçar muito, porque estou competindo com jovens de escolas particulares, que possuem uma condição financeira e física, uma estabilidade mental melhor que eu (dados do autor, 2022).

Na fala de Rincon é possível perceber que apesar de pensar no ensino superior como possibilidade ele expressa certo receio. O mesmo repetido na fala de outros jovens, como o caso de Rashid. Segundo que quando questionado se pensava em entrar na universidade responde: “pensar eu penso, mas é bem difícil”. Portanto, como aponta Passos, (2012) é bem comum que os jovens negros não se vejam em um curso superior.

O jovem Milton foi o único a dizer que não pretende cursar nenhum curso após o final do Ensino Médio. Sobre o acesso ao Ensino Superior da UFJF, diz: “não, eu não me vejo lá,

não sei explicar, mas não me vejo lá”. Essa posição adotada pelo jovem Milton pode estar relacionada a fatores que foram demonstrados nessa pesquisa sobre o cotidiano do jovem. O jovem destaca que não possui sentimento de pertencimento no que diz respeito à UFJF, que está ligada principalmente pela falta de pessoas negras. Outro fato a se considerar é a trajetória familiar do jovem, que demonstra não possuir nenhum membro que alcançou o acesso ao Ensino Superior.

Nesta perspectiva, os jovens negros de escola pública, sujeitos dessa pesquisa, demonstram um grande receio de acesso ao curso Superior na UFJF e principalmente não se veem naquele espaço. Essa ausência da universidade como possibilidade pode ser relacionada a muitos fatores, entre eles a questão racial e de classe que coloca esses jovens em posição desigual a outros, principalmente os de escolas particulares. Sobre isso, Rincon vai dizer:

Eu me vejo tendo capacidade e esforço para chegar lá, mas eu tenho receio, porque sou eu vindo de uma escola pública, contra um garoto que estudou no Apogeu a vida toda, no Academia a vida toda, no qual não precisou trabalhar, que não tá cansado e que o pai e a mãe dá um carro para ele ir e voltar. (dados do autor, 2022).

O sentimento exposto pelo jovem Rincon demonstra como as universidades brasileiras são ainda percebidas como locais de privilégio, alcançados principalmente por segmentos de maior renda. Deste modo, muitos jovens negros, quando vão prestar um vestibular, sentem-se com medo e receio de não alcançarem a entrada em um curso superior em uma Universidade pública, principalmente por acharem que vão concorrer com outros jovens advindos de escolas particulares. Portanto, é importante que esses jovens conheçam o funcionamento das cotas raciais, criadas para a população negra, na tentativa de amenizar desigualdades raciais quanto ao acesso ao Ensino Superior no Brasil.

Neste sentido, as duas falas do jovem Rincon citadas anteriormente, demonstra que o jovem tem um desconhecimento do funcionamento do sistema de cotas, pois é possível notar que o receio do jovem na possibilidade de acesso ao Ensino Superior, passa pela concorrência da vaga por jovens brancos e advindos de escolas particulares, fato que não acontece no sistema de cotas. Pelas cotas o jovem não compete com aqueles das escolas particulares, mas com aqueles que, em alguma medida, partilham de experiências de oportunidades relativamente parecidas.

Neste sentido, por tratar de jovens negros, buscaremos sublinhar a relação entre território e educação e perspectiva de acesso ao Ensino Superior, tendo as cotas raciais como instrumento. Entendemos que o território vai além do espaço físico, não sendo sinônimo de “espaço local” ou “comunitário” em sentido restrito (KOGA, 2013). Ao analisarmos o conceito de território abarcaremos o papel de políticas públicas para acesso à Universidade.

Os jovens entrevistados, como demonstra a tabela 3, em sua maioria (5 jovens), não conhecem as cotas raciais e conseqüentemente não sabem como elas funcionam. O restante dos jovens (4 jovens) sabem da existência das cotas, porém é possível notar que alguns não sabem como elas funcionam, como Leandro e Marechal.

**Tabela3: Conhecimento dos jovens em relação às cotas raciais.**

<b>Jovens</b>	<b>Cotas Raciais</b>
Luedji	Não
Marechal	Sim
Rincon	Sim
Juçara	Não
Elza	Não
Tássia	Não
Rashid	Não
Milton	Sim
Leandro	Sim

Fonte: Dados do autor, 2022.

Como bem destacam os jovens Milton e Leandro, o Ensino Público teve um papel importante para o conhecimento a respeito das cotas raciais. Sobre isso, o jovem, quando perguntado se já conheciam a política de cotas, Milton responde: “sim, eu já ouvi falar, foi no colégio mesmo”. O jovem complementa que o fato aconteceu durante uma aula em que um dos objetivos era tirar dúvidas sobre o acesso ao Ensino Superior, mostrando o esforço dos professores para a construção de conhecimentos desses jovens sobre a temática.

Braga (2019) enfatiza que as cotas raciais são formas sociais geográficas, ou seja, elas se relacionam com um tipo de organização geográfica. O autor complementa que “como uma política pública de ação afirmativa, as cotas acabam sendo assumidas como instrumento analítico de questões que tangem ações, metas e objetivos para o enfrentamento das mazelas que permeiam a formação histórica da população brasileira” (BRAGA, 2019, p.127).

Deste modo, as cotas raciais são uma política pública de reparação histórica para a população negra brasileira. Neste aspecto, o jovem Milton vai dizer que as cotas raciais

facilitariam sua entrada em um curso superior: “seria mais fácil, sabe, seria muito mais fácil”. Contudo, essa opinião não é seguida por Rincon, isso porque, dirá o jovem Segundo Rincon:

[...] Fico receoso, porque conversando com meus professores, eles me falaram que na UFJF tem muitas pessoas brancas que usam a cota para negros. Então, eu tenho que batalhar com uma pessoa que teve um melhor nível educacional que eu, eu ainda terei que lutar para algo que é direito meu. Acho que até mesmo com as cotas minha entrada seria difícil. (dados do autor, 2022).

Segundo Vaz, (2012, p.34) as universidades públicas fazem parte das estruturas de espaços geográficos, construídas e constituídas historicamente para fins específicos e de acesso restrito de determinados grupos. O autor complementa que “a possibilidade de acesso de outras classes sociais ou grupos étnicos se faz através das lutas e tensões políticas, qualificando a universidade como um território que deve ser cotidianamente conquistado”, no qual as cotas raciais aparecem como política públicas constituídas para tal.

Em 2004, o então Presidente Luís Inácio Lula da Silva, apresentou ao congresso um Projeto de Lei (nº 3.6271), que tinha como objetivo a reserva de 50% das vagas nas instituições federais de ensino para estudantes oriundos de escola pública, destacando as cotas específicas de vagas para pretos, pardos e indígenas, com base na representação proporcional das etnias nas unidades da Federação e de acordo o IBGE. Visando também expandir o acesso ao ensino superior, é criado, via Medida Provisória nº 2132, o Programa Universidade Para Todos (PROUNI), cujo objetivo era destinar bolsas para estudantes matriculados em instituições de ensino superior privadas.

Em 2012, após 13 anos de tramitação no Congresso Nacional, foi aprovada a Lei nº 12.711/12, popularmente conhecida como Lei de Cotas, sancionada pela Presidenta Dilma Rouseff. Nela, determinou-se que os institutos técnicos federais e as universidades públicas federais deveriam reservar pelo menos 50% das vagas a estudantes que cursaram o ensino médio integralmente na rede pública. Desse percentual de 50%, a primeira metade deveria ser destinada aos estudantes com renda inferior a 1.5 salários mínimos. A segunda metade, restante dos 50%, a estudantes com renda acima de 1,5 salários mínimos, tendo em cada uma dessas faixas, a reserva de vagas para um percentual mínimo de estudantes que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas, conforme o último censo do IBGE. Além disso,



definia que as IES teriam até 4 anos para o cumprimento total da reserva através do acréscimo anual de 25% de cotas.

Com “Lei de cotas” o acesso ao Ensino Superior público no Brasil ganha uma nova perspectiva. Silvério (2007), enfatiza que as cotas devem ser compreendidas como medidas reparadoras que contribuem para que a sociedade brasileira possa amenizar as consequências sofridas por aqueles que são vítimas do racismo e da discriminação racial.

Certo é que a adoção da política de ações afirmativas, em especial as cotas, reforça o tensionamento já há muito provocado pelo Movimento Negro com sua crítica às crenças e pressupostos que sustentam a sociedade brasileira, principalmente o discurso da democracia racial. Além disso, as ações afirmativas rompem com o privilégio usufruído por muito tempo apenas por uma pequena parcela branca e de média e alta renda, o de usufruir do acesso ao Ensino Superior.

Neste sentido, torna-se perceptível a mudança na paisagem das universidades em todo o Brasil, graças as cotas, que marcam um novo momento na histórica das relações raciais no Brasil, fruto de uma longa luta dos Movimentos Negro.

Neste contexto, consoante o Koga (2013), as cotas, como política pública, se constroem a partir de algumas mediações, sejam elas do ponto de vista das responsabilidades estabelecidas entre os entes federais, sejam pela atuação do Movimento Negro ou sob a perspectiva das próprias escalas e dinâmicas socio territoriais a serem consideradas.

Vaz (2012, p.35) pondera que devemos compreender a universidade como campo de força no espaço, um território que se constitui mediante variados dispositivos, estratégias e relações de poder. Para o autor a Universidade agrega-se das diversas práticas discursivas, utilizando-se dos variados procedimentos pedagógicos, de ensino e assim como de outras instituições que possuem força suficiente para produzir efeitos em diferentes escalas, em implantar projetos produtores de uma disciplina do corpo, limitando o acesso em seu espaço a diversas corporeidades.

Sendo assim, as políticas públicas têm contribuído para uma nova organização do território brasileiro e no caso das cotas, há uma ampliação e diversificação do público atendido pela educação superior no Brasil. Amplia-se, deste modo, a presença de estudantes negros nas universidades, promove fluxos oriundos de diferentes cidades e Estados, estimula a criação de coletivos negros, impulsionam mudanças nos currículos de disciplinas, nos objetos e temas de pesquisa e nas ações extensionistas. Promovem, portanto, uma nova organização territorial nas Universidades brasileiras.

Neste sentido, através dessa nova organização das Universidades Brasileiras, principalmente pelo acesso de jovens negros, é possível traçarmos e relacionarmos as trajetórias socioespaciais dos jovens sujeitos centrais dessa pesquisa com a perspectiva ou não perspectiva de entrada no Ensino Superior na UFJF.

Sendo assim, os jovens possuem muitas similaridades em suas trajetórias socioespaciais, atrelado à condição de estudantes, localidade, racial e de classe. Portanto, o que podemos perceber condicionado a relação entre trajetórias socioespaciais e perspectiva ou não perspectiva de entrada no Ensino Superior na UFJF, é que em relação ao acesso ao espaço físico do campus da UFJF, podemos afirmar que os jovens que não possuem o campus da instituição como local em suas trajetórias socioespaciais tendem a não possuírem perspectivas de acesso a um curso superior na instituição, sendo que dos 5 jovens que não frequentam 3 não possuem a perspectiva de acesso. Porém, no que se refere aos jovens que possuem a UFJF, como local nas suas trajetórias socioespaciais, a pesquisa demonstrou que existe uma igualdade nas perspectivas, sendo que no total de 4 jovens, 2 possuem perspectivas de acesso a um curso superior na instituição e 2 não possuem.

Neste sentido, percebemos que existe um sentimento de não pertencimento desses jovens em relação tanto ao acesso físico à UFJF, quanto para o Ensino Superior. Esse fato, como bem foi trazido no longo desse último capítulo, através principalmente das falas dos jovens, faz-se por meio de uma intersecção de desigualdades, na qual a restrição desses acessos é em função sobretudo das desigualdades raciais e de classe.

Pretendendo amenizar parte destas desigualdades, a Política de Cotas atua na construção de outros horizontes possíveis para esses jovens, no que diz respeito ao acesso ao Ensino Superior. Segundo resultados apontados na pesquisa de Cassab (2023), o ingresso em um Curso Superior amplia os horizontes dos jovens. Segundo a autora “para esses jovens, as consequências da Política extrapolam a dimensão objetiva, pois também promovem um conjunto de mudanças subjetivas de distintas ordens” (CASSAB, 2023, p.90), indo desde as novas perspectivas profissionais, acadêmicas até a ampliação das suas experiências espaciais na cidade.

Cassab (2023), em sua pesquisa, destaca que os jovens cotistas ganharam um aumento qualitativo e quantitativo de suas experiências espaciais em variadas escalas, atrelado pela convivência com pessoas de diferentes bairros, cidades, estados e países. Através desses novos contatos construídos a partir da entrada desses jovens na Universidade, Cassab (2023)

destaca que esses jovens vão construir novas experiências espaciais, como a apropriação e uso de novos locais na cidade, como museus, parques e até viajar para outras localidades, feitas a partir de aulas de campo da instituição ou para apresentarem suas pesquisas.

Deste modo, as cotas como política pública veem demonstrando que a entrada destes jovens, faz com que esses jovens possam viver novas experiências, que extrapolam as questões profissionais e acadêmicas, criando redes de sociabilidade e usos distintos da cidade, demonstrando assim, que as políticas de cotas possuem uma dimensão espacial.

### **Considerações Finais**

A realidade no Brasil é marcada por inúmeras desigualdades que se apresentam de várias formas: tanto na educação, como no mercado de trabalho, no acesso à saúde e na violência. Contudo, é evidente que a população negra longamente paga um ônus bem mais expressivo desta mazela social do nosso país, mas isso é mascarado por um “racismo cordial” que sustenta uma suposta democracia racial no país.

O trabalho apontou que os jovens pesquisados vivenciam com essas desigualdades no seu cotidiano, afetando suas perspectivas de futuro e até mesmo o acesso a determinado espaço. Dentre estas limitações está o acesso a UFJF como espaço físico de lazer, mas sobretudo como território de pertencimento. A pesquisa demonstrou que mesmo localizado na mesma região urbana, os jovens negros entrevistados não possuem o hábito de frequentar o espaço físico da UFJF, motivado por uma aglutinação de fatores, sendo locomoção, grande presença da população branca e poucas pessoas negras, sendo alguns dos motivos apontados pelos jovens. Cabe também ressaltar, que o descontentamento desses jovens com abordagem e olhares de seguranças terceirizados da UFJF no referido local.

Outro ponto dessa pesquisa pode ser sintetizado pela discussão que permeia a inclusão dos jovens negros nas instituições públicas de ensino, entendendo que existe uma exclusão histórica da população negra no que diz respeito ao acesso à educação superior no Brasil. Neste sentido, a pesquisa apontou que a maioria dos jovens entrevistados possui como perspectiva de futuro acessar um curso superior dentro da UFJF, destacando que os jovens que não possuem a UFJF, em suas trajetórias, tendem a não ter perspectiva de ingressar no Ensino Superior na instituição. Porém, foi apontado que mesmo com essa perspectiva, esses

jovens acham muito difícil acessar a UFJF, principalmente por acharem que vão concorrer com outros jovens advindos de escolas particulares.

O que demonstramos, portanto, é que os jovens escolares negros, sujeitos centrais dessa pesquisa, convivem com o racismo em suas várias formas e características, sendo refletido na construção de espacialidade e subjetividade, afetando locais de uso e não uso na cidade e até na perspectiva de futuro, como o de acessar ao Ensino Superior.

No entanto, como resultado da luta de anos dos Movimentos Negros, a Política de Ações Afirmativas, em especial as cotas, tem contribuído para mudar um pouco esse cenário do democratizar o acesso ao ensino superior e tensionar a própria universidade a se repensar, aproximando-se mais a realidade da sociedade brasileira.

Diante disso, é fundamental que o conhecimento sobre as cotas chegue a esses jovens escolares, seus sujeitos de direito. Isso porque seu desconhecimento acaba reforçando a baixa perspectiva de acesso à educação superior como horizonte possível de ascensão social. Em nossas entrevistas, vimos que, ao sinalizarem o fato de concorrerem como estudantes da rede privada, como um dos motivos que justificaria a baixa expectativa de ingresso na UFJF, nossos entrevistados manifestam uma informação insuficiente sobre o funcionamento da Política de Cotas.

É neste aspecto que compreendemos a importância de levar o debate das cotas raciais para esses jovens, principalmente por estarem no último ano do Ensino Médio. A pesquisa constatou que os jovens entrevistados em sua maioria não conhecem as cotas e os que sabem de sua existência não sabem como usar, o que cria toda uma insegurança nesses jovens. Assim sendo, essa discussão é necessária para os jovens negros, pois traz consigo toda a problemática da inclusão desses sujeitos no ensino superior, tendo nas ações afirmativas ponto de reparação histórica para esse grupo historicamente injustiçado e possibilitando, através do ingresso no ensino superior uma ampliação de suas trajetórias socioespaciais.

## **Referências**

BRAGA, Tuwile Jorge Kin. **A territorialidade do corpo negro na USP**. 2019. 142 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

BUFFA, ESTER; PINTO, GELSON DE ALMEIDA. O território da universidade brasileira: o modelo de câmpus. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 67, p. 809-831, 2016.

CASSAB, Clarice. PENSANDO JUVENTUDES E CIDADE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE JOVENS COTISTAS. In: Victor Hugo Nedel Oliveira. (Org.). **Geografia das juventudes**. 1ed. Porto Alegre: GEPEJUVE, 2023, v. 1, p. 77-107.

*Revista Devir Educação*, Lavras, vol.8, n.1, e-861, 2024.

CERQUEIRA, Daniel; COELHO, Danilo Santa Cruz. **Democracia racial e homicídios de jovens negros na cidade partida**. Brasília, DF: Ipea, 2017.

FANON, Frantz; NEGRA, Pele; BRANCAS, Máscaras. Tradução de Renato da Silveira. **Salvador:EdUFBA**, 2008.

GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro**. Coleção 2 Pontos. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GROPPO, LuisAntonio. **Introdução à sociologia da juventude**. Paco Editorial, 2017

KOGA, Dirce. Aproximações sobre o conceito de território e sua relação com a universalidade das políticas sociais. **Serviço Social em Revista**, v. 16, n. 1, p. 30-42, 2013.

OLIVEIRA, et al. Discriminação racial de jovens negros no Brasil: **revisão integrativa. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento** , v. 10, n. 14, pág. e214101422013-e214101422013, 2021

PASSOS, Joana Célia. As desigualdades na escolarização da população negra e a educação de jovens e adultos. **EJA em debate**, v. 1, p. 137-150, 2012.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 11, p. 65-69, 2006.

RODRIGUES, Maria Natália Matias; MENEZES-SANTOS, Jaileila de Araújo . Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, v. 12, p. 703-715, 2014.

SANTOS, Mariza Fernandes dos; RATTS, Alex. Trajetórias negras discentes no espaço acadêmico: o quadro da Universidade Federal de Goiás diante das ações afirmativas. **Educere et Educare**, Paraná, v. 10, n. 20, p. 641-652, jul./dez. 2015

SANTOS, Milton. **Por outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2003, 174p.

SENKEVICS, Adriano Souza. A expansão recente do ensino superior. **Cadernos de estudos e pesquisas em políticas educacionais**, v. 3, n. 4, p. 48-48, 2021.

SENKEVICS, Adriano; CARVALHO, Marília. Novas e velhas barreiras à escolarização da juventude. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 333-351, 2020.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ação Afirmativa: uma política pública que faz a diferença. **O negro na universidade: direito à inclusão**. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007.

VAZ, Leandro Farias. **Uma geografia das ações afirmativas no ensino superior: as cotas étnico-raciais na UEG e UFG**. 2012. 187 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

*Recebido: maio/2024.*

*Publicado: julho/2024.*